

O Gaiato

Quinzenário * 29 de Março de 1986 * Ano XLIII — N.º 1097 — Preço 10,00



PORTE
PAGO

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

PÁSCOA



Fazer de cada rapaz um homem é aceitar a Páscoa todos os dias: morrer para ser Vida. Estas coisas não se entendem à maneira do mundo...

Páscoa é Passagem. Alguém que passa e traz a Vida. Onde a morte é senhora, a Vida irrompe e faz tudo novo. «Eu sou a Vida» — disse Jesus. Ele é a nossa Páscoa. Aceitá-LO é acolher a Vida. Rejeitá-LO é escolher a morte. Páscoa é o presente. Páscoa é o dia-a-dia. Como?

Há três dias, à hora do jantar, houve grande confusão. Dois pequeninos tinham acabado de chegar — o Bruno Filipe, de três anos, e o Júlio Paulo, de quatro. Vieram da R. da Vitória (Porto). Choravam, choravam, choravam! Todos queriam pegar neles ao colo. Queriam beijá-los. Para estas oranças era um encontro com a Vida. E agora?! Fazer de cada um deles um homem é aceitar a Páscoa todos os dias: morrer para ser Vida. Estas coisas não se entendem à maneira do mundo. É sabedoria que vem do Alto. É sabedoria que vem da Cruz. E o mundo tem medo da Cruz. Pai Américo quis que fosse a Cruz a marcar o centro da nossa Aldeia. Ela é a presença de um livro, onde se aprende a loucura de quem se dá.

Dias antes chegaram o Telmo e o Fernando com a mesma história.

E que dizer daquelas quatro raparigas que, no final do curso, quiseram conhecer a nossa vida e se foram inquietas? No mesmo dia da Páscoa, o Ressuscitado apareceu a dois e «aqueceu-lhes» o coração.

Outro dia, estava no campo com o tractor. O Santana e o Aníbal carregavam-no de erva para as vacas. Quem diria?! É a força da Páscoa que faz estes milagres.

Padre Manuel António

«Filhos da Carne e Filhos do Coração»

Assim se intitula, em jornal brasileiro de 29 de Janeiro de 1950, um artigo cujo recorte achei (agora que faço longas viagens pela nossa «torre do tombo») certamente enviado a Pai Américo por alguém de lá que sabia do seu empenhamento nestes assuntos (1). Curiosamente, ele é assinado por uma escritora que ainda não há muito tempo foi embaixatriz do Brasil em Portugal, D. Dinah Silveira de Queiroz.

Empolgava, então, o público leitor de jornais a história de um rapaz, de nome Nasser, filho de pais separados e deixado pela mãe, em pequenino, a um casal a quem serviu, o qual criou e educou o garoto como filho seu, não «da carne», mas «do coração».

Os anos correram, o menino virou adolescente e a mãe veio reclamá-lo. Dentro encontrou resistência, o que deu lugar ao falatório jornalístico, a reacções emocionais entre o público leitor e acabou com a sentença do Juiz de Menores favorável à pretensão materna. «Largou o pequeno o carinho de seus pais de criação, a sua comodidade, a sua boa escola. Está com a mãe, afinal uma estranha para ele. Isso estará certo?»

Seria interessante saber a resposta do próprio Nasser, hoje à beira dos cinquenta anos. Mas onde estará ele? Quem

saberá dele? Quem mais se terá importado com ele depois que «o caso do dia» deixou de o ser e com isso se extinguiu a emoção jornalística e popular?

As leis, porém, terão persistido e com elas as sentenças de tónica sentimental a tantos casos semelhantes que se repetiram no decurso dos anos...!

O juízo da articulista, esse ficou também, muito claro, inequivocamente expresso em termos porventura duros para ouvidos farisaicos, todavia não tão duros quanto a adversidade que continua sendo o destino legal de tantas crianças vítimas do «pátrio poder» que, «sob certos aspectos — escreve D. Dinah — julgo uma monstruosidade igual ao direito do senhor sobre o seu escravo».

Na verdade — continua ela: «É muito comum entre nós, pais de filhos que sobram, este facto: O menino enquanto é pequeno e só traz despesas à família, é dado a qualquer pessoa que o queira. Quando a criança, crescida, bem tratada, pode representar um auxílio aos pais, então é reclamada e os sagrados direitos de pai e de mãe se fazem valer».

Ora, «sabemos que o que conduz ao milagre do amor, é muito mais a educação de uma criança desde pequenina, que o breve tempo em que um filho habitou as entranhas maternas. Sabemos que, na maioria das vezes, nesse mundo de atropelos que gera o abandono — órfãos de guerra e também órfãos de pais vivos — o filho do pobre vem sem que seus pais o desejem. Filhos, sois hoje em dia para tantos lares, às vezes até ricos, verdadeiras contrariedades, desmancha-prazeres de viagens, contratemplos, peso contrário nas ambições de tantos!»

Da veemência desta interpeção, parece que a sua autora viveu profunda e repetidamente histórias como «a desta criança infeliz que serve de base a uma pergunta que eu desejaria fazer aos homens que fazem as leis e por isso as entendem».

«Apóstolos da Verdade, pregadores do Evangelho, não podemos usar meias tintas nos quadros da vida, e temos obrigação de chamar às coisas os nomes que elas têm». (Pai Américo)

AQUI, LISBOA!

Os pobres devem merecer-nos o máximo respeito e toda a solidariedade. A parábola do rico avarento, Lc. XVI, «que se vestia de púrpura e linho fino, e vivia os dias regalado e esplendidamente», enquanto, à sua porta, um homem chamado Lázaro, coberto de chagas e lambido pelos cães, jazia cheio de fome, sem poder sequer saciar-se com o que caía da mesa do rico, é uma clara

advertência aos poderosos deste mundo, tantas vezes insensíveis ante as necessidades que grassam a seu lado.

No seu livro «A Pobreza, Riqueza dos Povos», Albert Tévoédjrè refere o esbanjamento e a vida faustosa dos responsáveis dos países recentemente chegados à independência, enquanto as massas populares vivem nas mais precárias circunstâncias, carenciadas de

tudo, quando não em situações limites de sobrevivência. Sucedem-se os governos, com ou sem sucessivos golpes de estado, mas nada ou pouco se modifica para melhor; antes, não raro, se agrava. Factos correntes da vida internacional comprovam, à evidência, o raciocínio expresso. Legiões de famintos continuam a alimentar oligarquias possidentes, que têm, quase sempre, chorudas

alternativas nos depósitos bancários efectuados nos mais diversos países.

Nas nações ditas ocidentais, onde a democracia possui algumas raízes, as coisas não terão, efectivamente, as mesmas proporções sombrias, mau grado o nepotismo existente e a corrupção visível, com clientelas ou grupos ambiciosos à espera de

Cont. na 3.ª pág.

Cont. na 3.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

TIPOGRAFIA — O Silva, ex-padeiro, decidiu escolher a sua profissão: tipógrafo, da secção de impressão.

Actualmente, está na secção da composição para aprender o material necessário na «imposição» de chapas, etc.

Somos uma escola. Por isso, também cumprimos horários, temos uma ficha de produção, etc.

A Editorial ASA continua a dar-nos trabalho de fotocomposição, cujos fotocompositores estão sempre atarefados com os turnos, o que é bom sinal.

VINHA E POMAR — Continuam os preparativos para a vinha.

Há dias, esteve uma máquina na mata a abrir valas para a plantação das videiras.

As árvores de fruto estão em flor. Fazem lembrar as amendoeiras. A Primavera não tarda!

CARAS NOVAS — Vieram mais cinco rapazes para a nossa Casa: o Telmo, o Fernando, o Luís, de Santiago de Cacém, o Paulo e o Daniel ambos de Braga. Estes vieram por intermédio do Tribunal de Menores que está constantemente a fazer pedidos para acolhermos rapazes.

Os quartos estão já superlotados! Vamos dar apoio aos novos companheiros para que, no futuro, venham a ser homens.

VISITANTES — Continuam a afluir à nossa bela Aldeia.

Há dias, visitaram-nos duas excursões de miúdos duma escola primária. Viram as oficinas, as nossas habitações, a cozinha, o campo e ficaram maravilhados. De facto, a nossa Aldeia é muito bonita!

FUTEBOL — Defrontámos, no dia 9 de Março, uma equipa local: o Junqueira. Um jogo em que não houve problemas, pois a nossa equipa dominou e ganhou como quis. O adversário ainda tentou reagir, mas não demos hipóteses. Resultado final: 5-1.

RAID — No dia 9 de Março, o nosso grupo de escuteiros fez um raid pela serra de Santa Justa, na zona de Valongo.

Após uma caminhada sempre a subir, parámos no local dos «Balões», onde preparámos o nosso almoço. Nesse local também fizemos alguns jogos dos escuteiros. Depois, merendámos e começámos a descer o monte. Orientámo-nos pela carta topográfica e tudo correu bem.

Ludgero Paulo

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

• Temo-lo dito e repetido, mas não pecamos se reafirmarmos que em nossa discreta acção temos um critério de que não nos demitimos: se o Pobre, ou Pobres, têm direitos de Segurança Social (oficiosa ou oficial) e não usufruem deles por omissão — tomamos a dianteira. Em alguns destes processos, de beneficiários analfabetos, talvez sejamos um tudo nada incómodos — por mor da justiça.

Uma dessas famílias — entre muitas que, hoje, vivem pobre mas decentemente da sua modesta pensão de reforma, sem terem necessidade de estender a mão na via pública (que seria o País sem a generalização destes benefícios?) — uma dessas famílias, dizíamos, recebeu agora o deferimento da sua pensão. A velhinha trazia a carta na mão. Toda ela tremia!

— *Veja! Veja lá o que é... A gente não sabe ler! Não compreendemos estas cousas...*

Abrimos. Lemos pausadamente. O marido que, dantes, fora da lavoura — como ela — e até à década de quarenta desempenhara funções num departamento oficial, tinha direito a uma pensão, que requeramos em Novembro de 1984. Já actualizada, ronda os treze contos mensais.

— *Ora veja! Fora o resto...!* — exclama a pobre mulher. *Levámos uma vidinha negra com uma flocinha, uma enxada e um vancinho na mão! Levámos vidinha negra, mas graças a Deus nunca ficámos a dever nada a ninguém!*

A seriedade dos Simples! Luminárias que se projectam, qual voz da consciência sublimada por Deus.

— *Dantes, fazíamos uma territa* — continua a velhinha. *Levámos muito má vida! Agora, não temos nada... Isto chegou na hora de Deus! O meu home já não pode andar. Eu... Eu tenho o coração muito cansado...!*

A vida desta gente — que viveu anos de fome lenta, sem perder a dignidade — como poderia chegar ao fim incólume?!

— *Vamos dar graças a Deus!* — exulta a pobre mulher. *Não sei dizer melhor. Não sei agradecer do outro modo: Vamos dar graças ao Senhor por esta graça!*

PARTILHA — Aquela Amiga, de Umbilo, Durban (África do Sul), que acostuma estar presente, mensalmente, aí vai, com a Amizade de sempre: vinte rands correspondentes a Janeiro e Fevereiro para «*os aplicarem melhor do que eu*» — afirma — e pedindo desculpa «*de ser pouco, mas, por cá, a vida também está muito difícil*».

A assinante 25902, de Figueira de Castelo Rodrigo, 1.000\$00, «*pedindo a Deus que continue a abençoar e a proteger todos os que trabalham e sofrem pela expansão do Reino de Deus*» — em favor do Próximo.

Uma parte do cheque remetido pelo assinante 5343 — «*para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa*» — e uma nota que não podemos esconder: «*O GAIATO é o único jornal que os meus clientes podem ler enquanto esperam — mas primeiro leio eu*». Que bem!

O assinante 23259, de Duas Igrejas (Romariz), aqui está, com a juventude de sempre, qual Amizade da velha guarda, e «*um donativo para a Conferência de Paço de Sousa*».

Agora, chegam 2.830\$00 da assinante 13329, do Porto, com a «*profunda estima*» que tem por nós e pelos nossos Pobres. Mais 1.000\$00 do assinante 21903, de Lanheses (Viana do Castelo), pedindo «*orações para que o meu filho, de dezasseis anos, não se afaste dos Caminhos do Senhor*». A prece dum Pai que deseja passar, incólume, aos filhos, a sua fé — que é um dom de Deus!

A presença habitual da assinante 23484, de Vilares (Vila Franca das Naves): 500\$00. Quatro vezes mais da assinante 29845, da Capital, pedindo «*uma oração por uma intenção particular*»; e sublinhando, também, que «*não é preciso agradecer*». Um testemunho cristão que, por ser vulgar, não deixa de ser valiosíssimo — com grande motivação espiritual!

Reservamos a ponta final para um Vicentino que, apesar da idade, mantém, cada vez mais vivo, o Ideal que nos une. É o assinante 12109:

«*Quarta-Feira de Cinzas, início do santo tempo da Quaresma, esse tempo tão sugestivo e evocativo, «tempo aceitável», propício à reflexão, à conversão interior e à partilha com os Irmãos necessitados, cada vez em maior número...*

Era, precisamente, com um pequeno acto de partilha que intentava começar a minha Quaresma... Mas, como diz o ditado, «mais vale tarde do que nunca».

Junto um cheque com o desejo de uma santa Páscoa.»

Não fosse O GAIATO sair em

Sábado Santo, expressaríamos já, aqui, um sonante *Aleluia!*

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Miranda do Corvo

VISITAS — A manhã de domingo estava linda, com a temperatura amena e o céu azul. Foi assim que chegaram os carros que transportavam o grupo que vinha de Chão de Couce. Como era a primeira visita, e muita a curiosidade, principiaram por ver as instalações da Casa: quartos, cozinha, padaria, vacaria...

Passados alguns momentos chegou a Fraternidade de S. Francisco, de Tomar, como sempre num grande autocarro. Trouxeram presentes para a nossa Comunidade. Esperámos, no entanto, até ao meio-dia, pela celebração da Eucaristia, porque o sr. Padre Aníbal proferia uma palestra em Chão de Couce. Após a Eucaristia, cada um procurou o melhor sítio para almoçar. O bar esteve aberto no fim do almoço. O grupo de Tomar regressou porque ainda seguia por Fátima. O grupo de Chão de Couce prolongou a estadia mais um pouco.

Costámos da vossa visita e do adeus que nos foi dado, com um «até breve».

AGRICULTURA — Com a chegada das sementeiras, plantámos três batatais, o que nos custou muito, pois somos uma grande família, e por isso temos que fazer uma grande plantação. Além do mais, a batata é um alimento de grande consumo, em nossa Casa.

Também já temos as vinhas tratadas: podadas e atadas. Só estamos a espera que comecem a desenvolver-se para continuarmos com o tratamento — para darem bom fruto.

TRACTORISTAS — Quatro rapazes, de 18 anos para cima, frequentam um curso de tractoristas que lhe será útil para o futuro. Pode ler-se na cara deles uma grande alegria por estarem a frequentar um curso tão útil e tão prático para a sua vida.

SERVIÇO MILITAR — Foi chamado mais um para prestar serviço militar: o Chico-Zé, chefe-maioral, que frequentava a nossa tipografia.

Com a sua ida para a tropa, a tipografia ficou muito desfalcada, porque é na «minerva» onde há mais trabalho e, para já, era o impressor mais qualificado.

António Henrique («Andorinhas»)

NOVOS ASSINANTES

BOAS NOTÍCIAS

Tão boas que não podemos dizer mais — só graças a Deus e aos nossos Leitores.

Em três fins-de-semana, o nosso Padre Carlos trouxe 642 novos Assinantes de três comunidades paroquiais da região da Feira e de Oliveira de Azeméis, todos motivados à hora da Missa. Compromissos vinculados no supedâneo do Altar, com o bafo do Santíssimo Nome de Jesus — Pedra Angular da Obra da Rua.

A **precissão** é um mundo de gente movida por amizade extraordinária! Como a daquele funcionário do BIPA que, além de interessar os colegas na leitura do jornal, optimiza o seu espírito de serviço com a periódica entrega de valores e listas d'assinaturas de bancários, no no Espelho da Moda — o nosso Depósito, no Porto, há mais de quarenta anos.

Aliás, na família d'O GAIATO há outros casos idênticos. Amigos que se dão à Obra da Rua, desta forma, com uma persistência que o tempo não corrói, antes insufla mais amor pelo GAIATO.

A expansão do Famoso é um facto. Já ultrapassámos os 58.000 exemplares. No entanto, assinalamos a sua crescente

implantação no seio das famílias portuguesas.

Santarem: «**Remeto um cheque... para uma nova assinante.**

A doutrina do Famoso vai entrando nos lares. Como eu gostaria que todas as famílias vivessem a mensagem de Paz e Amor que ele sempre transmite!

Bênçãos de Deus para todos, são os votos da

Assinante 21158»

Porto:

«**Que o Senhor Jesus nos ajude e esteja sempre connosco.**

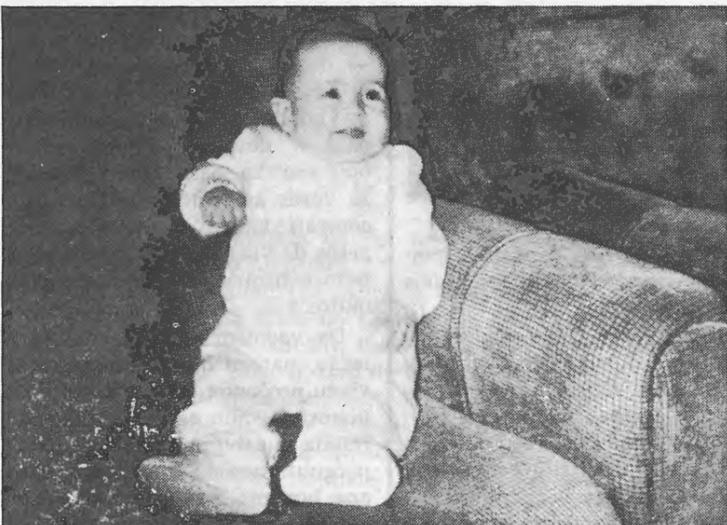
Peço o favor de mandarem O GAIATO para o meu neto. Ainda não lê, mas aos pais deve fazer bem a leitura.

Muita paz vos deseja a

Assinante 29142»

Vila Real, de Trás-os-Montes: «**Acho a leitura do Famoso tão necessária para a formação moral e compreensão das necessidades dos Pobres que peço o favor de considerarem assinante o meu filho...**

Assinante 25046»



A Sara Maria, de 5 meses, filha do José Pereira de Pinho.



AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

se instalarem logo que surja uma oportunidade. Aqui, como além, é claro, todavia, um desequilíbrio acentuado entre os poucos que muito têm e a maioria que vive à míngua. A democracia, aliás, só o será quando abranger também, para lá dos quadrantes políticos, as esferas culturais, económicas e sociais, com igualdade de oportunidades e justiça para todos.

Infelizmente, na nossa terra, a situação não é, como todos deveríamos saber, muito brilhante. Que há gente com fome, seja ela quantitativa ou qualitativa, ninguém, por mais que queira, o pode escamotear com verdade. Reformas ou pensões exíguas, no geral; centenas de milhares de desempregados e muita gente com os salários em atraso; multidões sem casa, vivendo em barracas imundas ou em habitações compartilhadas por várias famílias, sem o mínimo de condições higiénicas e sanitárias; ausência, sobretudo nas regiões do interior, de assistência médica e medicamentosa capaz; eis, sem pretendermos ser exaustivos, algumas das dificuldades por que passam largos estratos da população.

Há que arregaçar as mangas

e trabalhar com denodo para que o panorama da nossa Pátria se modifique. Falar dos pobres, dos carecidos, dos idosos e dos deficientes é fácil. Antes importa que se fale menos deles e se faça mais pelas suas necessidades vitais. Servir é um verbo a pedir sempre presente. De qualquer modo, importa que não escandalizemos os desprotegidos, com vida à grande, delapidando os dinheiros de todos ou as fortunas pessoais, que o acaso da sorte ou, talvez procedimentos menos rectos, nos colocaram entre mãos. Quadros como o do rico avarento e do Lázaro à espera de migalhas não deveriam ser possíveis.

Vivemos num País pobre, com muitas carências a colmatar. Ninguém pode ser dispensado desta tarefa, mas é sobretudo aos governantes e aos homens públicos, em geral, que se deve exigir empenhamento entusiástico e decidido no combate à miséria, sem vaidadezinhas ou facciosismos. Somos, como se costuma dizer, uma terra de «fidalgos arruinados», em que a pompa e o parecer é o que mais importa. Daí que, tantas vezes, aspectos essenciais sejam postergados, sem rei nem roque, para dar lugar à delapidação nas coisas mais acessórias, ou até dispensáveis, em nome de pseudo-dignida-

des ou de pruridos de fidalguia dessorada.

Pedimos decoro e parcimónia nos gastos públicos. Viagens? Só as necessárias para o bem da grei. Comitivas? As indispensáveis; quem quiser fazer turismo que o faça à sua conta. Festas, espectáculos e comensais? Frugalidade e temperança, que o tempo é, de facto, como se apregoa, de crise, e os dinheiros desperdiçados poderão, por exemplo, servir para comprar qualquer aparelho ou instrumento hospitalar que, por falta de verba, não se possui, apesar de indispensável. Automóveis de luxo e gabinetes sofisticados? Carros capazes, de menor ostentação, e só para uso oficial; gabinetes remodelados quando tal for exigível, mas sem grandezas desordenadas. E, por aí fora, se queremos que acreditem em nós. O exemplo deve vir de cima.

Associação dos Antigos Gaiatos (Região Norte)

Companheiros: Dando início à ordem de trabalhos (Informações) na última Assembleia Geral, foi destacado o nosso companheirismo e pedido à Mesa para se alterar os estatutos. Mas como a questão não fazia parte da ordem dos trabalhos ficou para uma próxima Assembleia.

Do ponto dois, nada houve a obstar; mas, já no seguinte a dificuldade em formar uma nova Direcção ocupou-nos tempo e foi reunido o consenso dos presentes para avançarmos com a escolha de um presidente, e este, por sua vez, faria a escolha dos restantes elementos. Foi eleito o Carlos Gonçalves que realçou a falta de participação. Uns, por falta de tempo; outros, porque trabalham; mas, rever um amigo, aquele companheiro de tantos anos, é qualquer coisa de óptimo. Pai Américo ao fundar as nossas Casas do Gaiato, fê-lo pensando em nós. Aparece, participa, convive na tomada de posse da nova Direcção que será dentro em breve. Esperamos por ti.

João Evangelista Maciel

OUTRA ASSEMBLEIA GERAL

Confirmando a notícia anterior, avisamos os companheiros que marcámos outra Assembleia Geral para 19 de Abril, às 14 h, com a seguinte ordem de trabalhos: Tomada de posse dos novos Corpos Gerentes e alteração dos estatutos da Associação.

Esperamos por ti, agora mais do que nunca. Aparece. Participa. Convive.

Carlos Gonçalves

Aos homens de fortuna se lembra que, meros administradores de seus bens, devem ser solidários com todos os outros, devendo partilhar do supérfluo e, até, em casos limites, do necessário. O Lázaro do Evangelho não é uma ficção. «Oh homem, por quem és, sente o frio dos teus irmãos e tira roupa da tua cama — se verdadeiramente desejas aquecer!» (Pai Américo). Porque «temos obrigação de chamar às coisas os nomes que elas têm» aqui vos deixamos, queridos Leitores, estas palavras.

Amigos de Loures, por desconhecimento, remeteram para a sede da Obra as suas assinaturas d'O GAIATO, convencidos de que era indiferente tal procedimento. Lembramos ideias já aqui expressas. Em princípio todos os assinantes do jornal devem remeter as respectivas importâncias para

as Casas do Gaiato da zona das suas residências. A Obra é uma, mas as Casas são independentes sob o ponto de vista económico.

FESTAS — Os ensaios decorrem, neste momento, com muito trabalho, claro está, para os responsáveis. Esperamos, dentro em breve, pôr à venda, nos locais do costume, os bilhetes para a Festa de Lisboa, a realizar no Cinema Império, como se disse, no dia 18 de Maio, pelas 11 horas. Entretanto, no próximo jornal, pensamos poder anunciar as Festas de Loures e de Torres Vedras.

Padre Luiz

Retalhos de vida

Luís



Eu chamo-me Luís Carlos Lopes Pita.

Tenho 11 anos e frequento o 1.º ano do Ciclo Preparatório.

Em 1981, o meu pai morreu e deixou a minha mãe com 4 filhos: eu e mais três. Sou o mais velho. Mandava a minha mãe dar exemplo aos meus irmãos — mas eu não fazia o que minha mãe mandava. Mais alguns dias e comecei a ficar vadio e tratava mal as outras pessoas. Então, ela resolveu falar com o sr. Padre Horácio, que me levou para a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Depois vim para a Casa do Gaiato de Lisboa, em Santo Antão do Tojal. Gostava de ser electricista.

Muitos abraços para todos leitores e amigos.

Luís Pita

«Filhos da Carne e Filhos do Coração»

Cont. da 1.ª pág.

Talvez não... Contudo a interrogação aí está, nascida de uma inteligência sensível ao equívoco em que lavram legisladores e executores da lei — a distinção entre:

famílias sãs para as quais a Lei Natural é suficiente e os Tribunais de Família e de Menores uma inutilidade;

e famílias doentes, algumas feridas in radice, para as quais é necessário: uma lei positiva que será justa se tiver em vista, em primeiro plano, a defesa e a segurança dos direitos dos membros mais fracos e inocentes, que são as crianças; e executores da lei, dotados de uma sensibilidade não apenas espon-

tânea, temperamental, mas adquirida por uma verdadeira especialização entre os vários ramos do Direito.

Eis uma pista que, se teóricamente é conhecida e aceite, pouco tem sido explorada, julgo eu. Desperte Deus vocações. E em campo que toca tão de perto a alma humana em estádios tão exigentes de afectividade (nisto creio que há concordância universal!), seja humus o conceito de Pai Américo: «Técnico é aquele que ama».

(1) Em 1949, Pai Américo estivera no Brasil onde interveio, em S. Paulo, na «II.ª Semana de Estudos dos Problemas de Menores»

Padre Carlos

Outros estendem as redes mais ao largo; e, d'alma cheia, dão notícias dos seus passos:

«Leitor assíduo, há muitos anos, e assinante apenas desde o ano passado, vou procurando novos Assinantes para O GAIATO, jornal que tanto admiro e a todos recomendo.

Indico uma nova assinatura (a segunda no corrente ano), duma colega de serviço na Câmara onde trabalho há quarenta e cinco anos, muito embora aposentado há seis; mas todos os dias aqui venho e presto os meus serviços pela muita dedicação que tenho por tudo que se relaciona com o movimento da secretaria.

Assinante 36057»

Aqui temos a prova, provada, de como «as árvores morrem de pé!»

Vale do Calvo:

«Uma amiga emprestou-me O GAIATO. Gostei muito. Quero ser assinante e recebê-lo em minha casa. Por isso, envio um vale de correio para a primeira anuidade. Peço desculpa de serem apenas 500\$00, mas vivo só do meu trabalho, ou seja da minha pensão de reforma»

Leiria:

«Gosto imenso d'O GAIATO! Conheço a Obra da Rua por intermédio duma senhora amiga e sempre que nos encontramos dá-me o jornal para ler. Mas como moramos muito distantes uma da outra (a dez quilómetros), quero ler O GAIATO mais amiúde. Portanto, agradeço que

inscrevam o meu nome como assinante...»

Agora — que o espaço não dá para mais — referimos as terras donde partiu a procissão, de muitas das quais desfilam grupos de novos Assinantes, de mãos dadas e com muito amor a O GAIATO: Ponto e Lisboa, uma data deles; mais Vila Nova de Cerveira, Arruda dos Vinhos, Santo Tirso, Esposende, Albufeira (Algarve), Ponta do Sol (Madeira), Gondomar, Pedrouços (Águas Santas), Oliveira do Douro, Vila Nova de Gaia, Areosa (Porto), Valbom (Gondomar), Valongo, Leça do Balio, Rio Tinto, Água Longa (Santo Tirso), Canidelo, Canelas (Gaia), Senhora Aparecida, Friães (Santo Tirso), Póvoa de Varzim, Quaios, Faro, Odivelas, Loures, Funchal, Olhão, Maia, Matosinhos, Nogueira e Vermoim (Maia), S. Pedro da Cova, S. Mamede de Infesta, S. Cosme (Gondomar), Laranjeiro, Valoura (Vidago), Barcelos, Mealhada (Loures), Caldas da Rainha, Lamego, Sernancelhe, Matalena (Gaia), Aguaiva (Cacém), Setúbal, Enxabarda e Castelejo (Fundão), Estremoz, Fonte Mercê (Valepaços), Oeiras, Póvoa de Santo Adrião, Degraças, Covão das Favas, Afurada, Montijo, Amadora, Válega, Vila do Conde, Lourosa, S. João de Ver, Espinho, Escapães (Feira), Viseu, Coimbrões, Rinchoa, Venda do Alcaide, Fronteira, Boksburg e Kenton Park (África do Sul), Ganesse (França) e Malanje (Angola).

Júlio Mendes

AGORA

● Conheci a família Cruz Soares, há um ano. Viviam, então, num pequeno quarto e estreito corredor, em Miragaia: dois pais, cinco filhos, uma avó, um genro e dois netos. Uma das filhas-mães é doente mental.

Com imenso sacrifício, e não poucas privações, o casal fez algumas economias e comprou uma casa na encosta de Fânzeres. Para lá se mudaram com os poucos haveres e a dolorosa carga do que falta pagar — dois mil contos.

Fomos ontem visitá-los: uma irmã (Criadita dos Pobres), eu e um Gaiato. Foi um momento de ternura!

A casinha está exposta ao sol. Nota-se mais saúde e alegria em toda a família. Se não fora a prestação mensal de onze mil escudos, tudo iria melhor. Em boas contas, do ordenado do marido (único) — pagos a prestação, a água, a luz, o gás e o transporte — sobram 350 escudos diários para o alimento de onze pessoas.

Adivinhei tanta tristeza nos olhos da mãe de família...!

Demos uma ajuda do Património dos Pobres, que tantos leitores amigos alimentam. Não demores, para voltarmos a subir estes degraus!

— Veja como o sol nos bate dum lado e doutro!

Como as janelas abertas ao sol, as cores rosadas e o júbilo nos olhos superam tudo o que se possa dizer em discursos e conversas...!

Um mundo! Melhor, dois. Um, a alegria de ter casa; outro, o peso de a pagar.

● Das ofertas que mandam para o Património dos Pobres e Autoconstrutores, geralmente, damos uma ajuda para a construção e, em casos raros, na compra da habitação.

Os Autoconstrutores surgem, quase só, nas aldeias. É mais fácil arranjar terreno e ajuda de parentes e amigos.

Todos os que vivem em barracas ou bairros degradados perdem a coragem para construir. Não têm locais nem motivação para a ajuda mútua.

Se as câmaras municipais têm capacidade para levantar bairros, porque não urbanizações com talhões gratuitos e sem burocracias para os Autoconstrutores? Seria mais económico para o Estado, pois o trabalho deles é, em potência, um capital valioso. Mais vantajoso para os construtores pois veriam afastado o espectro das prestações impossíveis e loucas.

Temos visto centenas de casas a nascer, quase por milagre, das mãos dos Autoconstrutores... O que seria se o Estado desse a mão...?! Se todos nós déssemos as mãos...?!

A telha que tu mandas e nós pomos no telhado é uma gota de água... Mas cada uma evita uma multidão de gotas em cada lar. Vamos fazendo o nosso pouco.

Cada casinha que se ergue é mais um canto de ave, uma manhã de sol e uma família mais feliz!

Talvez um dia os nossos governantes tenham a coragem de rasgar avenidas nas encostas de sol! E do teu sonho nasça um ninho de janelas abertas.

Leitores amigos do Património dos Pobres e dos Autoconstrutores: cada telha que mandais é uma estrela que se toca e fica mais luz no coração duma família.

● Para muitas famílias a cruz é pesada e tão longa a caminhada...! Sobretudo, quando falta a fé e a esperança n'Aquele Senhor que também transportou a Sua... E só por nosso amor! N'ela morreu!

Fixemos aquele último olhar para cada um de nós.

Meditemos, a sério, o sepulcro vazio.

E, acordados, corramos ao lago para comermos com o Senhor o peixe que Ele nos assou.

Ressurreição do Senhor!
O dom da Fé!
Senhor, fazei que eu veja!

● E vamos fazer a nossa procissão. Ela é sinal de Vida como a Ressurreição do Senhor. Vida palpitante na tua partilha com os Autoconstrutores. Eis:

Viana do Castelo: «De um fraco construtor para um Autoconstrutor, 10.000\$00».

Um Amigo, do Porto: «Com alegria venho enfileirar em mais uma procissão dos Autoconstrutores. Para o efeito segue um cheque de 50.000\$00. É a minha partilha quaresmal». O assinante 11366, de Espinho: «Por uma graça obtida envio cinquenta mil, fruto dum palheiro de praia para ajuda nas construções». A presença amiga de muitos anónimos, por carta, no Lar do Porto e no Espelho da Moda. Assinante 17745 com a sua vela discreta. Jovem corajosa com o fruto do primeiro emprego. Sacerdote do Mosteiro de Singeverga: «Migalhas fazem pão. Reparto do pão generoso que os nossos emigrantes da América do Norte vão pondo nas minhas mãos». Presente o assinante 30017 com cinquenta mil para umas telhas. «A mãe que crê em Deus» com toda a sua ternura. Mais para uma telha, do assinante 27854. Fernanda, de Elvas, dez mil para os que não têm casa. Assinante 13693, dez mil para a Autoconstrução. Teresa, do Porto, com cinco.

Na Casa do Gaiato de Lisboa: 3.500\$00 mais 2.000\$00. De Queluz, o assinante 30750, doze mil para cimento. Assinante 34413, cinco mil. Mais, do Porto, 700\$00: «as gotinhas habituais para a Casa de Santa Filomena». A prestação de M. M. — A. L.: cinco mil. De Cinfães, a primeira reforma dum sacerdote anónimo. A assinante 32649, cem mil para a casinha Lar de S. José. De Leiria, a assinante 7736, cinco mil para telhas.

Adalberto, do Porto, sessenta mil para os sem casa. Para a Casa Louvado Seja

Nosso Senhor Jesus Cristo, mais quatro prestações de vinte mil. Louvado seja! E outra do nosso amigo M. M.: «Mais um degrau na longa subida. Com muito amor, muita e fraterna ternura».

Somos peregrinos e caminhantes. Muitos, sempre presentes nestas caminhadas de amor e partilha a que chamamos procissão. Caminhos dolorosos, também. Mas o Senhor pôs em nosso peito a semente da Ressurreição... Por isso, cantamos: Aleluia!

Padre Telmo

TRIBUNA DE COIMBRA

Quando aquela mulher-mãe veio pedir telhas e dar a notícia de que ia viver para outra terra, para a casa que era dos pais — uma casa muito boa — fiquei contente e com certa confiança.

Acabo de chegar. Venho, de lá, com o coração marcado com a escuridão da noite, as poças de água dos caminhos, as casas toscas construídas com pedras soltas e a esmo, com todo o ambiente humano.

A casa não tem janelas. Só uma pequena porta. Pequenas divisões interiores, buraco para o sobrado. Amontoada de pessoas e coisas: Três crianças, uma velhinha a arrastar-se com sua trombose cerebral, o chefe de família bondoso e trabalhador e a mãe-mulher despachada.

Esta mudança pareceu-me mais uma aventura — de adolescentes. Mudar. Outro mundo. Outra gente. Outras conquistas. O homem ficou sem trabalho certo. Era já tarde e a lareira estava apagada e não havia sinais de ceia.

Só ele teimou para vir pagar um copo à taberna próxima, onde estavam à nossa chegada. Há anos que conhecemos esta família. A falta de capacidade mental e o álcool são causas de degradação. As ajudas não remediavam todas as carências. Os serviços sociais, por vezes, facilitam e complicam. Quem vem, traz muitas teorias e são sempre as melhores. Trazem muitas promessas e os Pobres iludem-se.

Tenho pena dos mais pequenos e da velhinha doente. Ficamos longe para a roupa de vestir, o sabão para lavar, o azeite para o conduto, a mercearia para comer, os livros para a escola e a capela para rezar.

Na Páscoa irei a sua casa como nos anos anteriores. Eles prometeram que vão fazer uma reparação à casa e nós prometemos ajuda.

Desejamos a todos uma Santa Páscoa.

Padre Horácio

Livros «DOCTRINA»

1.º volume (2.ª edição, aumentada), 2.º volume (1.ª edição), 3.º volume (1.ª edição).

«Esta Doutrina não é minha» — assim dizia, naquele tempo, o Missionário do Padre Eterno — «é do Pai Celeste».

Por isso mesmo é que os auditórios ficavam suspensos ao escutá-lo e uma vez que O quiseram prender, como mandassem para isso homens, estes regressam sem Ele: «Nunca nenhum homem assim falou!»

A prova de que esta Doutrina não é nossa, está nisto que dizemos: sem preparação especial, sem ir ver como outros fazem, temos feito e dito totalmente diferente e causado nas almas uma revolução sem par. É o Pai Celeste!

(...) Por via dela, vão os leitores encontrar nestes livros riquezas que os outros não tiveram: cartas. Cartas dos assinantes (d'O Gaiato). Muitas são as que recebemos e não publicamos. Muitas as que temos publicado e não transmitimos aqui. Mas as que aparecem são documentos de vitalidade perene da Doutrina de Jesus. Classes. Categorias. Idades. Política. Sexos. Os desconhecidos. Os afastados. Os contra. Os a favor. Todos à uma e cada um em seu estilo, afirmam que «nunca nenhum homem assim falou!»

P. Américo!

Mais livros da autoria de Pai Américo — Pão dos Pobres: 1.º volume (5.ª edição no prelo), 2.º volume (4.ª edição), 3.º volume (3.ª edição), 4.º volume (1.ª edição); **Obra da Rua** (3.ª edição, actualizada); **Isto é a Casa do Gaiato**: 1.º volume (3.ª edição no prelo), 2.º volume (2.ª edição); **Barredo** (2.ª edição — nova recolha e selecção de textos); **Ovo de Colombo** (2.ª edição); **Viagens** (2.ª edição — reordenada e aumentada).

Obras doutros Autores — Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico de Pai Américo, Dr. João Evangelista Loureiro; **O Calvário**, Padre Baptista; **A Porta Aberta — Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida**, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte (2.ª edição); **O Lodo e as Estrelas**, Padre Telmo Ferraz (3.ª edição, aumentada).

CARTAS

«Peço ao Senhor que continui aabençoar a vossa Obra de Amor e a vossa bendita acção.

E peço que me mandem sempre as novas publicações que, entretanto, forem saindo.

Tenho a colecção completa dos vossos livros que leio e releio. Leitura espiritual encorajadora, aliciante, mas chamada de atenção. Fogo que arde e nos responsabiliza.

Assinante 14473»

«Peço desculpa de estar tão atrasada em dizer que recebi, a seu tempo, o Pão dos Pobres. Envio a devida quantia, pois sei que imprimir livros se torna caríssimo.

Li o livro; reli, treli e depois entreguei-o ao acólito da minha paróquia — como faço com O GAIATO. Na leitura de obras assim até se fica envergonhada de fazermos tão pouco pelo nosso Próximo! Mas a verdade é que com oitenta anos, surdez e pouca vista, «artroses» e reumatismo fica-se um pouco impossibilitada de tudo!

Enfim..., estamos todos à conta de Deus. Que Ele sempre proteja a Obra da Rua e todos quantos trabalham para ajudar os Pobres.

Assinante 10820»



Gaiato

Director: Padre Telmo
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel